

# CURTAS

POR JOANA NIN

## EXPERIMENTAÇÕES DE CURTA METRAGEM



Dreznica

VANGUARDA  
INOVAÇÃO

A animação *Tempestade*, de César Cabral (2008), o documentário *Dreznica*, de Anna Azevedo (2008) e a ficção *Engano*, de Cavi Borges (2010) são três bons exemplos de curtas-metragens recentes que inquietam por trazerem em si propostas de inovação criativa. Ambos se destacam pela ousadia na linguagem e audácia na realização, tudo regado a bom gosto. São filmes bem-sucedidos, vamos dizer, mas que escolheram caminhos improváveis para contar suas histórias. Surpreendem sem sair do próprio rumo, mas desvirtuam nossa expectativa, levam-nos a procurar outra ótica.

Por exemplo, como pode ser retratada uma tempestade em alto-mar com animação *stop motion*? Água, fogo e outros elementos com movimentos de difícil controle quadro a quadro são sempre um desafio para quem utiliza esta técnica de fotografar sequencialmente bonecos em cenários construídos em estúdio. O filme de César Cabral, *Tempestade*, consegue um resultado muito interessante usando tubos translúcidos revestidos e coloridos com iluminação. “O desafio maior foi tentar construir o mar de uma forma que até então desconhecia (...) e sabia que o mar/tempestade era fundamental para criar e dar narratividade ao filme. Lembro que estudamos várias possibilidades, tintas dissolvidas em água, celofanes, cheguei até a fazer um estudo com malhas de correntes (...) no final chegamos aos tubos”, conta César. A fotografia de Alziro Barbosa e os raios e riscos de chuva feitos na pós-produção também ajudaram muito.

O curioso é que este curta é inspirado na obra do artista plástico William Turner, pintor inglês do século XIX considerado um dos precursores do Impressionismo, com obras produzidas 50 anos antes dos demais – ou seja, um artista de vanguarda. O curta foi produzido em quatro meses e trata da solidão e do amor de um marinheiro isolado no meio do oceano.

O documentário *Dreznica*, de Anna Azevedo (2008), ilumina na tela sonhos de pessoas que perderam a visão. Enquanto imagens de filmes em Super-8 perambulam erráticas, vozes em primeira pessoa tentam explicar quais são as visões internas de cegos, aquelas que eles produzem enquanto dormem. No mínimo dá para dizer que a ideia é original, mas o principal mérito dela é nos provocar experiências sensoriais desavisadamente. Ao tentar encontrar relação entre as imagens e arriscar alguma conexão com a fala dos personagens nos perdemos, como que sonhando acordados.

Já *Engano* produz uma narrativa a partir de dois planos-sequência projetados lado a lado o tempo todo, unidos por um telefonema. O filme tem 11 minutos e percorre ruas do Rio de Janeiro e estações de Metrô levando junto a nossa crescente inquietação com a conversa do casal que não se conhece. Minuto a minuto eles dão a impressão de estarem mais perto de algo que não podemos supor o que seja, mas que também pode não ser nada. A atenção dividida entre o diálogo, o caminho de cada um deles e as imagens divididas na tela nos prendem ao filme sem necessidade de mais nenhum elemento cênico. O pulo do gato vem perto do final, quando os personagens trocam de câmera naturalmente, cruzando-se numa faixa de pedestres. Um passa a seguir pelo caminho inverso do outro até se perderem por completo. É uma ficção, mas traz com muita verdade e originalidade um sentimento comum nas cidades grandes.

Se o curta é o terreno da experimentação por excelência, não deveria ser tão difícil encontrar exemplos comprometidos com novas propostas e soluções diferenciadas. Mas foi. Adotou-se aqui como critério escolher um de cada gênero que pudesse ser enquadrado também com o nebuloso rótulo de “experimental”. Os escolhidos são obras despretensiosas, inovadoras em sua própria órbita. E este é justamente o maior mérito delas.

Joana Nin [joana.nin@filmecultura.org.br](mailto:joana.nin@filmecultura.org.br)

*Tempestade.*

*À direita, Engano.*

